

CDU 869.0(81) Freyre. 06

**NORDESTE: UM LIVRO GERMINAL DE GILBERTO FREYRE  
SOBRE ECOLOGIA/REGIÃO/CULTURA**

Raul Lody

“Um Nordeste onde nunca deixa de haver uma mancha d’água:  
Um avanço de mar, um rio, um riacho, o esverdeado de uma lagoa.  
Onde a água faz da terra mole o que quer:  
Inventa ilhas, desmancha istmos e cabos, altera o seu gosto a geografia  
convencional dos compêndios.  
Um Nordeste da terra.  
Das árvores lambuzadas de resina  
Das águas  
Do corpo pardo dos homens que trabalham dentro do mar e dos rios.  
Na bagaceira dos engenhos,  
No cais do Apolo  
Nos trapiches de Maceió”<sup>1</sup>

Segundo o pensamento darwiniano, o homem também esteve exposto mecanicamente exposto e sem possibilidade de se sobrepor às condições do meio ambiente, sobrevivendo o mais apto.

Em *Nordeste*, Gilberto Freyre enfrenta questões teórico-conceituais sobre ecossistema e cultura, até então inéditas de enfoque e de análise. A causa da ecologia é fundada numa sociologia que assume virtualidade adaptativa e que resguarda o autor, pioneiro e inaugurador de um caminho mais tarde devidamente assentado, de reconhecimento nacional e internacional através da *Tropicologia*. Sua grande tese versa sobre o *homem situado, homem situado no trópico*, num processo perma-

<sup>1</sup> Texto em prosa ordenado em forma de verso por Carlos Pena Filho In: *Gilberto Freyre Cosmopolita* – Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de *Casa-Grande & Senzala* e sua influência na moderna cultura do Brasil. Comemorativos do 25º aniversário da publicação desse seu livro. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1962.

nente de manutenção e também de transgressão dos modelos de civilização, no caso brasileiro influenciado ora pelo europeu ora pelo africano ora dosadamente autóctone, indígena, ameríndiamente brasileiro. O trabalho descritivo e vivencialmente analítico sobre um Nordeste do massapé, não enfatizando o Nordeste pastoril, por opção, fez com que Gilberto Freyre se lançasse, um pouco, numa autobiografia, tendo como base o Recife, o seu Pernambuco.

Embora *Casa-Grande & Senzala* marque a obra de Gilberto Freyre, propondo inclusive, metodologias que se seguirão em outros trabalhos de fundo sociológico e antropológico, está em *Nordeste* um dos mais aguçados "focos" da sua visão pluralista.

Gilberto Freyre enquanto cientista social preocupado não apenas com o seu 'objeto' de pesquisa, mas em adequar metodologia compatível ao 'objeto', ao seu 'ser', às condições fenomenológicas e, principalmente, ao confronto de teorias exógenas ao espaço tropical, opta em *Nordeste* por uma abordagem ecológica referenciada por matrizes histórica, social, económica e cultural.

Justamente por optar por caminhos de estudo e análise que elegem prioritariamente o homem – bio-sócio-cultural – Gilberto Freyre abrange em seus textos o permanente problema teórico da cultura. O homem canaliza uma série de comportamentos, usos e costumes, enquanto sujeito social, frente a seu meio ambiente circundante, assumindo conscientemente o papel de transformador e não apenas o de gregário-instintivo e mecanicista.

*Nordeste* caminha, enquanto obra comprometida com o relacionar cultura/ecologia, revelando o homem no uso do seu intelecto, comportando diferentes bagagens culturais num enfrentamento ao meio ambiente e, assim, dessa interação, elabora soluções e concepções que lhe possibilita viver em harmonia com seu espaço ideológico que são eminentemente transformadores da cultura com as realidades do espaço físico – levando ao tempo da ocupação, da fixação e principalmente da criação.

Ler o *Nordeste* sem uma experiência regional e sem projetar os instrumentos de uma ecologia cultural é ler de maneira estrangeira e fora. Propõe Gilberto no livro *Nordeste* um redimensionamento conceitual da etnografia clássica ou mesmo da análise etnológica, buscando na própria ação da pesquisa interpretativa modelos teóricos que pudessem acompanhar as descobertas ou os outros lados de abordagens e de pesquisa já realizadas. Para conseguir este intuito se lança numa vertente ecológica, que à época assumia níveis de transgressão.

Como parte integrante de um cabedal científico complexo, Gilberto Freyre propõe em *Nordeste* uma sociologia à moda, nem sequer brasileira, mas enfaticamente, diria realmente nordestina, unindo-se assim 'objeto' e 'método', Método de fundo ecológico e sociológico, revelando outros aspectos de abordagens já "Gilbertianos" incorrentes nas análises culturalistas.

Sem dúvida, o aprendizado ao se ler *Nordeste* atinge ampliação de conteúdos económicos, históricos, civilizatórios e, primordialmente,

conduz o leitor às causas ecológicas como se concentrasse o motivo de tudo na função ambiental combinada às diferenciadas ocupações culturais; chama, o autor, atenção para as questões da ocupação territorial, dos estilos de colonos portugueses e africanos, induzindo uma consciência tropicológica conforme são titulados os capítulos: a cana e a terra, a cana e a água, a cana e a mata, a cana e os animais e a cana e o homem.

Outro ponto da leitura de Gilberto é apoiado em sugestões reflexivas onde reúne o homem habitante – o ocupador de espaços, determinador de costumes e tradições, dinamizadores dos ecossistemas – aos legados, construções, monumentos da civilização, das técnicas, de marcas atestadoras da passagem e da permanência em um Nordeste essencialmente canavieiro e açucareiro.

A caracterização sociológica de Gilberto Freyre para os tipos humanos e funções econômicas, é sem dúvida, abastecida pela convivência regional ora nos engenhos da zona da mata de Pernambuco ora nas feiras semanais, em áreas agreste e sertaneja, mercados e demais locais de reunião popular e consumo de bens regionais.

O patamar econômico uniu-se à similitude ecossistêmica entre a costa brasileira e a costa africana, ambas tropicais, ambas com quase as mesmas plantas, com quase os mesmos bichos, com o mesmo clima relativizando as condições de uma ocupação do homem africano em papel social escravo porém adequada aos princípios dos modelos culturais e de compreensão diferenciadas sobre a própria natureza.

“Quando entre nós, as mãos e os pés escravizados do negro puderam juntar-se ao resto do corpo e formar homens completos, o africano deu uma grande prova do seu amor pela terra e do seu jeito de lavar os campos. Essa prova dos nove das qualidades agrícolas do negro foi Palmares. Foi a sociedade agrária que aí se formou no século XVII com pretos fugidos dos engenhos e caboclas raptadas às aldeias mais próximas.

Entre os negros de Palmares o capitão holandês Blaer encontrou uma roça abundante, tanto milho, tanta touceira de bananeira – além da cana-de-açúcar, do feijão, da mandioca, e das muitas palmeiras – que a paisagem contrastava com a dos engenhos: só o canavial e resto de mata. A dos Palmares tinha outra variedade e outra alegria”. (Freyre, 67:136)

Na sociologia histórica de Gilberto Freyre as fontes documentais sempre abasteceram o autor com importantes e esclarecedores subsídios, podendo assim retratar: as intenções dos poderosos, a revolta dos oprimidos, as convivências de senhores e escravos no limbo social e cultural de um Brasil Colônia. Este Brasil em processo de organização e de fundação de uma sociedade patriarcal, orientalmente patriarcal, machista por excelência, abastecida de fontes culturais africanas, ibérica, e aí ibericamente islamizada e padronizada nos papéis do homem no mando e no comando, reforçados esses papéis de poder em forma de clã de grande parte dos africanos ocidentais.

Contudo o colono oficial (português), fez com que o ouro verde dos

canaviais concorresse, pelo menos no Nordeste, com o ouro amarelo das Minas Gerais.

"Duarte Coelho fez da cana, não um substituto vegetal do ouro e dos rubis que não se encontraram aqui para desapontamento dos colonos mais aventureiros – mas a base de uma organização agrícola que só o seu amor à terra – amor de velho agricultor teria conseguido estabelecer com tanta bravura e com tanta segurança nos trópicos. Combatendo os índios e os animais mais contrários ao avanço do canavial, do engenho, da casa grande, da capela, ele combateu também, entre os seus, os simples aventureiros que pretendiam fazer fortuna demutando árvores e matando bichos para vender pele". (Freyre, 67:100)

Uma ocupação "racional", não uma desvairada chegada e não menos desvairada retirada de madeiras, pau-brasil, certas ervas, certos *deslumbramentos*, das matas – o exótico, o diferente para o olhar do homem europeu.

"Duarte Coelho...

Sua voz já lembramos que foi a primeira grande voz de português que, se levantou na América, e talvez nos trópicos, a favor da mata e da árvore. Ele não queria a mata devastada a esmo e brutalmente. Pelo seu gosto o canavial teria avançado com o mínimo de destruição da riqueza nativa." (Freyre, 67:100)

Uma colonização de experiências com a Ásia, com a África e com a América dotou o homem português, pelo menos na oficialidade dos seus dignitários de um certo controle ambiental, se não pelo amor à natureza, pelo menos devido ao interesse extrativista, olhando para a recuperação das fontes geradoras de tantas riquezas.

"Frei Vicente do Salvador:

Século XVII – *Diálogo das Grandezas*

Os que aqui apenas se contentavam em fazer seus pães-de-açúcar, não se dispoñdo a plantar árvores frutíferas nem fazer benfeitorias nas plantas nem a criar gado; nada que custasse muito esforço ou levasse tempo, só a monocultura de lucros imediatos, que entretanto não deixando de exigir condições de estabilidade e de permanência dispensadas pelo simples comércio do pau-de-tinta e peles." (Freyre, 67:101)

Contudo a fé impôs um desbravamento, indo da costa ao interior. Era preciso aumentar o número de catecúmenos, *salvar* almas, almas de índios, de negros, de degredados, ladrões, assassinos, de tantos outros colonos desbravadores das terras do massapê do Nordeste. O ânimo da conquista muito se assentava no ideal de em se *plantando tudo dá*,

A visualidade espacial do Nordeste, para Gilberto Freyre, mesmo sem querer adquirir uma feição evolucionista, não poderia ficar distante das experiências e das leituras, das diferentes formas do método 'Gilbertiano' de análise e de teorização da realidade brasileira e, em especial, da nordestina.

Os banhos de rio, os cajus com cachaça, os tipos biossociais, o recato da mulher na casa-grande, a mulata enquanto resultado transna-

cional de beleza e de prazer sexual; a igreja tropicalmente clara, branca, mesmo com barroquismos e dourados, porém com muita luz nos prédios e muito gosto de se sentir em pleno calor tropical o agrado do frio dos azulejos contando cenas dos santos. Uma compreensão arquitetônica da colônia, uma compreensão geográfica, outra econômica, humana, somente assim podendo traduzir tão contrastantes realidades conviventes num mesmo Nordeste.

A ocupação social representada na casa-grande, na senzala, na capela e demais construções para abrigar a moenda, a casa de purgar, dentre tantas outras, reforça os papéis e funções de homens e mulheres – europeus, africanos e mesmo de Índios, embora este último, timidamente tenha composto o estoque humano dos engenhos.

A espacialidade e o conceito de poder formam um dos centros mais significativos da obra de Gilberto Freyre e em *Nordeste* este sentido de compreensão visual da realidade tipifica a história e seus momentos definidores do patriarcalismo nordestino e como ele se atém às coisas do meio natural, em suma, com o entendimento ecológico.

Nesta visão de fundo iconográfico como se resumo sociológico do Nordeste senhorial, sugere um triângulo: o engenho, a capela e a casa-grande. Com estes elementos de visualidade arquitetônica, busca-se o que é peculiar e reconhecível em cada um destes pontos, num traçado envolvendo formas, ideologias e comportamentos. A cada ponto confere-se ânimos particulares, congregando pessoas, cargos e induzindo funções que fluem entre os três pontos, que ainda hoje são determinadores de um *ser regional* não imune à sua fundação. Com este caso Gilberto conseguiu passar para o leitor um ideário de história, de religião, de etnias, de meios de produção, de relações sociais tão fincadas e estabelecidas que compõem o que se pode chamar de matrizes sociológicas do trabalho e dos demais símbolos culturais.

O chamamento telúrico, a coesão com as coisas da natureza; do caju, da manga, da mangaba, da pitanga, da umidade do solo; do ar, do mar oceânico, dos rios e canais, das manchas verdes contruídas pelos canaviais tenta harmonizações com o verde da mata atlântica – a floresta tropical –, num desafio de ocupação e de delírio para o homem colonizador, seja europeu ou africano.

“Sabe-se o que era a mata do Nordeste, antes da monocultura da cana, um arvoredo ‘tanto e tamanho e tão basto e de tanta plumagens que não podia homem dar conta’.

O canavial desvirginou todo esse mato grosso do modo mais cru: pela queimada. A fogo é que foram se abrindo no mato virgem os claros por onde se estendem o canavial civilizador mas ao mesmo tempo devastador.

O canavial hoje tão nosso, tão da paisagem desta sub-região do Nordeste que um tanto ironicamente se chama “a zona da mata”, entrou aqui como um conquistador em terra inimiga: matando as árvores, secando o mato, afugentando e destruindo os animais e até os Índios, querendo

do para si toda a força da terra. Só a cana devia rebentar gorda e triunfante do meio de toda essa rufna de vegetação virgem e de vida nativa esmagada pelo monocultor". (Freyre 67:45).

O bicho, a água, o homem – não menos bicho que os demais –, o ar, o verde natural ou cultivado necessitam de sistemas próprios de manutenção sem subordinar, sem gerar hierarquias e dependências. Contudo deve-se observar a profunda vocação conservacionista do *homem primitivo* em temas relativos ao seu meio ecológico. Qualquer menção afeta o problema ecológico e no qual não se leve em conta conceitos e idéias relativos a categorias de cultura – cosmovisão – distorceriam o papel fundamental do ser humano como ente atuante e ator protagonista dos fenômenos ecológicos.

"Com a destruição das matas para a cana dominar sozinha sobre o preto, o roxo ou o vermelho dessa terra crua, a natureza do Nordeste – a vida toda – deixou de ser um todo harmonioso na sua interdependência para se desenvolverem relações de extrema ou exagerada subordinação: de umas pessoas, de uns animais e outros; da massa inteira da vegetação à cana imperial e todo-poderosa; de toda a variedade de vida humana e animal ao pequeno grupo de homens brancos – ou oficialmente brancos – donos dos canaviais, das terras gordas, das mulheres bonitas, dos cavalos de raça. Cavalos de raça tantas vezes tratados melhor que os trabalhadores da bagaceira". (Freyre, 67:47).

Formada por mata – atlântica e principalmente por mata plantada – monótona de canaviais – a chamada *zona-da-mata* é um lençol de verdes em nuances diversos em contraste com as terras gordas e coloridas – vermelhas, arroxeadas e negras – aquelas famosas terras do se plantando tudo dá.

"A: "zona da mata" no Nordeste é hoje uma sub-região de restos de mata, de sobejos da coivara. Sub-região onde o canavial e o engenho se instalaram sem outra consideração que a de espaço para a sua forma brutal de explorar a terra virgem. Sem nenhum cuidado pela parte agrícola dessa exploração. Simplesmente devastando-se a mata a fogo, plantando-se a terra aos primeiros sinais de cansaço. O sistema agrícola da monocultura latifundiária e escravocrata foi aqui o quase militar da conquista de terra para fins imediatos de guerra ou de campanha. Não se pensou nunca no tempo, mas só no espaço; e no espaço em termos de um só produto a explorar desbragadamente o açúcar. Exploração com fins imediatos". (Freyre, 67:51).

Formou-se o patrimônio verde dos canaviais pela facilidade da água, da bondade da água fertilizadora do solo, embora convivente com o sol do trópico, abrasador, ditador de secas que, nesta área de Pernambuco – a zona-da-mata –, entretanto se conservava em temperatura média de 26º metade do ano de chuvas.

Terra, água e clima; ventos que bem colocados são amigos da cana-de-açúcar, fazendo balançar as folhas que em volume e desenho, sem dúvida lembram os magníficos chapéus-capacetes dos *caboclos de lança*

dos maracatus rurais. Maracatus que nasceram nestas matas de canaviais e que são feitos por plantadores, coletores de cana, por cabras de engenho, por mulheres agricultoras ou também por trabalhadores que prestam serviços, nas plantações em funções diversas.

"Aliás os ventos têm sido amigos da lavoura da cana e da civilização do açúcar no Nordeste. Não tanto pela sua constância de direção como pela pouca violência a que chegam nos seus dias mais zangados, quando os sopros mais fortes – os de agosto – têm... em apenas 15cm, 97 por segundo. Se não chegam as grandes violências, por outro lado não faltam quase nunca, sendo tão raras as calmarias como as tempestades. Esse equilíbrio parece explicar certa temperança de atitudes e de gestos no pernambucano da área do açúcar." (Freyre 67:20).

Porém com as águas e sobre as águas Gilberto Freyre consegue em *Nordeste* um dos pontos mais significativos do seu livro. A vida do autor no Recife, cotidianamente vendo o Capibaribe e Beberibe, seus braços, suas várzeas, suas ligações com o mar, formando ilhas; ilhas, como a do Recife, que determinaram comportamentos e posturas na sua visão de pesquisador e de homem adequado ao trópico. As águas marcaram a fixação do homem nos engenhos, definiram tipos de ocupação, sugeriram estilos de parcerias com a natureza próxima.

"É de interesse salientar alguns dos numerosos nomes antigos de engenho da região que conservaram sugestões da água. Lagoa-dos-Ramos-de-Baixo, Ribeiro-da-Pedra, Poço Comprido, Vertente-de-Cima, Vertente Grande, Alagoa do Melo, Água Azul, Ribeiro Grande, Três Poços, Água Verde, Olho d'Água do Tapuia, Dois Rios, Três Lagoas, Cachoeira de Cima, Várzea do Una, Poço Sagrado, Cachoeirinha, Cacimbas, Água Comprida, Redemoinho, Riachão, Água Fria, Água Clara, Serra d'Água, Pedra d'Água, Riacho do Padre, Águas Belas". (Freyre, 67:26).

Os desenhos urbano e suburbano do Recife, determinados pelo avanço e caminho naturais dos rios, braços de rio, açudes e tipos de alagados de maré, são sugestões de uma paisagem equilibrada, sem querer reduzir as curvas destes rios a canais rígidos à holandesa.

Também o humor, o comportamento e atividades econômicas e rituais religiosas atêm-se as águas – água de rios, água do mar – sendo assim maneiras de entender o Recife e também marcar a distância e nostalgia com o além-mar dos portugueses e africanos da costa.

Iemanjá, representada e entendida como N. S. da Conceição e Oxum que é relacionada com a padroeira do Recife, N. S. do Carmo, são orixás das águas. A primeira do mar e a segunda dos rios, cachoeiras e regatos. Ora são interpretadas como sereias, ora como mães, ora como figuras de encantamentos de pescadores e barqueiros, pois dominam as águas e, assim, também o Recife.

"Já Joaquim Nabuco notava que as águas do Recife não eram como as de Veneza, porém claras e saudáveis". (Freyre, 42:121).

Tomando-se a paisagem tropical, são fatais as comparações com outras cidades entrecortadas e caminhos de água como Veneza ou Amst-

terdã. Porém a vida tradicional do Recife molhava-se no que há de hereditário do indígena com os muitos banhos de rio e também por um desvendar crescente e com menos culpa sobre o próprio corpo.

"Beberibe, Tamblá, Caxangá, tomaram-se pontos de banhos de rios alegres. Banhos de estudantes com atrizes, com pastoras, com mestras e contra-mestras de pastoril que iam para o rio de madrugada. Banhos de manhã cedo com cachaça e caju antes do primeiro mergulho na água fria. Banhos de muleques cuja nudez escandalizava as iaiás mais recatadas dos sobrados." (Freyre, 67:28).

Os reflexos da civilização do açúcar no Nordeste, as definições dos tipos sociais, as marcas definitivas das festas, de comidas, de roupas, de literatura oral, de 'mitologias' que se fundem no saber viver, no saber cultivar santos da Igreja, orixás do Xangô, de *bois misteriosos* que irrompem nos autos populares do *Cavalo Marinho* fazem a grande personalidade coletiva da região. Reflete-se também sobre o papel civilizador dos animais. O cavalo enquanto elemento de apoio à dominação do homem europeu e o boi enquanto animal de memória mais próxima a homem africano, quando se retoma essa memória no Brasil com maior afeição e entrosamento no trabalho e nas projeções sociais das festas, como o próprio bumba-meu-boi. O boi, animal totemizado e co-participante nos trabalhos dos engenhos, ganhou uma certa humanidade e proximidade, em especial, para o africano.

"Há através do drama uma evidente identificação do boi com o negro; o negro se sente no boi; não se sente no cavalo. No cavalo ele se sente o animal melo maricas do senhor, o animal cheio de laços de fita e mesureiro o animal *abaianado*, isto é urbanizado, civilizado, capaz de graças e mesuras que é incapaz o cavalo rústico e não apenas o boi." (Freyre, 67:77).

Contudo os animais da terra, bichos nativos, em convivência com os trazidos com o colono para a sua ocupação monocultora, com a cana-de-açúcar, tentaram defesas naturais, de resistência e persistência em terras do massapê.

"Mas a cabra não foi decerto o maior inimigo da civilização do açúcar, nem o mais direto. O canavial do Nordeste teve inimigos mais terríveis na raposa, no guaxinim, no guará, no porco-do-mato. Sem contar as pragas propriamente ditas: o pão-de-galinha e o besouro.

Claro que aqueles animais do mato, inimigos do canavial civilizador, espécie de última defesa da vegetação bruta contra a planta invasora, foram mais numerosos nas épocas de mato mais denso quando foram também mais numerosas as cobras que picavam o negro, e o boi, às vezes o branco e o cavalo." (Freyre, 67:81-2).

A *cabra bicho*, trazida pelo português e o tipo cabra, enquanto modelo de resistência do homem situado no trópico, em especial, no Nordeste, são exemplos da acuidade vivencial e de experiências na ocupação dos espaços, nos trabalhos agrícolas, no desbravamento de matas e terras desconhecidas.

"O cabra é um tipo etnossocial integrante da população nordestina. É visualmente reconhecido esse tipo humano como o mestiço, vindo da união do negro e do mulato, também abrangendo o termo todos os mestiços que tendem ao biótipo claro. Muitos chamaram esse biótipo de fula, pardavasco, para significar o mesmo que cabra. . . vê-se também outra motivação para o uso da palavra cabra, que é fortemente marcado pelo aspecto econômico, designando trabalhadores rurais, especialmente aqueles dos canaviais, dos engenhos e demais atividades integradas ao circuito da fabricação do açúcar e seus derivados. . . outra questão é a do tipo antropológico do Nordeste, quando se vê a força adaptativa na conquista de lugares secos, agrestes, quando o desempenho criativo do homem se sobrepõe ao que a natureza oferece." (Lody, 87:2).

O tipo já tropicalmente brasileiro, resultado de um processo de civilização é, porém, resultado do homem integrado ao ecossistema; talvez por isso o *cabra* seja um dos mais resistentes em força, em harmonização e também em enfrentamento ao meio ambiente.

A água, o clima, os bichos e, sempre, o homem passando e se fixando nas paisagens do Nordeste, transformando, ora mantendo, ora agredindo a natureza com as caldas dos engenhos, com o desmatamento voraz, com a invasão das reservas virgens da mata atlântica, matando espécies silvestres, desrespeitando lavadeira, canário, galo-de-campina, sabiá, gongá, bem-te-vi, caga-sebite, azulão, rouxinol, beija-flor, colete, patativa, anum, papa-capim dentre tantos outros pássaros.

"E a caça se juntou à queimada, para a destruição de quanto animal do mato teve a afoiteza de querer resistir ao avanço em paz com os novos donos da terra. Pacas, cutias, tatus, capivaras, tamanduás, onças, gatos-do-mato, tudo foi ficando raro à proporção que o mato grosso foi desaparecendo para a cana imperar sózinha." (Freyre, 67:82).

A destruição do ecossistema é, sem dúvida, um dos pontos básicos de *Nordeste* e Gilberto Freyre já criticava a destruição incontrolada do homem – agressão ao meio natural e, fundamentalmente, auto-agressão.

"... rios secaram na paisagem social do Nordeste da cana-de-açúcar. Em lugar deles correm uns rios sujos, sem dignidade nenhuma, dos quais os donos das usinas fazem o que querem. E esses rios assim prostituídos quando um dia se revoltam é a esmo e à toa, engolindo os mucambos dos pobres que ainda moram pelas suas margens e ainda tomam banho nas suas águas amarelentas ou pardas como se o mundo inteiro mijasse ou defecasse nelas." (Freyre, 67:35–6).

Gilberto Freyre ainda continua a delatar a situação dos rios – uma convivência em conflito com as usinas – em prol de um conceito de progresso extremamente comprometido com a destruição da natureza. Estas reclamações fundadas num espírito ecológico, em 1937, com a primeira edição de *Nordeste* sensibilizavam e alertavam o autor para a situação devastadora da mata, da água, do ar, para a necessidade de se respirar, sem poluidores, já prevendo o cansaço da terra.

“O monocultor rico do Nordeste fez da água dos rios um mictório de caldas fedorentas de suas urinas. E as caldas fedorentas matam os peixes. Envenenam as pescadas. Emporcalham as margens. A calda que as usinas de açúcar lançam todas as safras nas águas dos rios sacrifica cada fim de ano parte considerável da produção de peixes no Nordeste.” (Freyre, 67:35).

Fazendo as vezes de um Henry Koster do século XX, Gilberto desenhou caminhos, rotas e aventuras de um viajante da sua região, do seu Nordeste, vendo-se um pouco protagonista, quando sua história de vida, das referências familiares, do urbano e do suburbano do Recife, as populações miscigenadas, da ética e da moral patriarcais, de uma Igreja de poderes e de um Xangô de resistência convivem e dão ânimo a um *ethos* construído por fontes tão distintas, todas, porém, muito ricas e não menos plurais.

O autor, envolvido e atento às causas ecológicas, especialmente da zona da mata de Pernambuco, dos verdes claros dos canaviais, ou da topografia urbana do próprio Recife – de rios, canais, ilhas ou microclimas como o de Apipucos – recebeu estímulos para que, sensível, indizisse suas teorias, continuando proposições emergentes no *Manifesto Regionalista* (1926) e outras, já consolidadas em *Açúcar* (1936), como se um encaminhamento natural o levasse a escrever *Nordeste*.

E, em *Nordeste*, o verde, a vegetação nativa, a cana-de-açúcar, as plantas africanas, umas existentes lá e cá – na África e no Brasil, outras, de procedência portuguesa, embora trazidas da Índia, da China e de tantas outras terras por onde andou e ocupou o português, têm descrição utilitária para a medicina, para os alimentos e, para os rituais como também para a arquitetura.

“Nesta sub-região do Nordeste (zona da mata) o colono europeu e o colono africano fizeram com a paisagem humana o mesmo que o coqueiro, que a cana, que a mangueira, com a vegetação: dominaram-na a ponto de parecerem às vezes mais da terra que certos elementos nativos. Que o pau-brasil e que o Índio.” (Freyre, 67:32).

O olhar ecológico do nordestino estende-se ao paladar no gosto por certas frutas, comidas com dendê, com óleo-de-coco, com cravo-da-Índia, com pimentas malagueta e do-reino, além de uma doçaria fatalmente enriquecida por tanto açúcar e tantas novas receitas dos engenhos que tomaram por empréstimo outras dos mosteiros, dos cardápios da corte e, principalmente, reinvenções brasileiras. Neste complexo dos verdes, dos gostos, do clima, sugere Gilberto Freyre sobre o físico e o comportamento de populações próprias da zona do açúcar, regidos pelos melados – pelo mel-de-engenho.

“O outro Nordeste. Mais velho que ele é o Nordeste de árvores gordas, de sombras profundas, de bois pachorrentos, e gente vagarosa e às vezes arredondada quase sem sanchos panças pelo mel de engenho, pelo peixe cozido com pirão, pela opilação, pela aguardente, pela garapa de cana, pelo feijão de coco, pelos vermes, pela erisipela, pelo ócio, pelas

doenças que fazem a pessoa inchar, pelo próprio mal de comer terra.” (Freyre, 67:5).

Gilberto Freyre refere-se ao livro como um trabalho quase impressionista certamente por não estar imune ao olhar vivencial nordestino, à co-participação decisiva no processo interpretativo do homem no trópico e com destaque o homem pernambucano, em quem buscou, na autobiografia, momentos de reflexão sobre a tradição de europeus, africanos e índios. Buscou histórias contadas pelo povo, buscou documentalistas dos séculos XVIII e XIX além de outras fontes que encontrava nas ruas do Recife, com a gente do Recife.

*Nordeste* é um estudo apaixonado, apaixonante para o leitor, que mantém segurança científica e, por isso, ousa transgredir e expandir teorias sociológicas, atingindo a sua virtude ecológica.

A importância adquirida pelo homem em visões antropológicas que iam além do *sujeito social* ou do *caráter animal* alerta para leituras sociológicas em que o próprio *sujeito social* é entendido como *individualidade* ou um *conjunto de individualidades* como tradicionalmente era conhecido, embora ainda estes conceitos apóiem a compreensão de *ecologia humana* importante fundamento para o desenvolvimento da *teoria etnológica*.

O conceito de meio físico circundante transcende o que representava de cenário onde seres sociais levavam adiante o grande drama da vida na sua mais ampla concepção e entendimento. Alerta-se para o papel *adaptativo* do homem ao meio ambiente em que ele vive, sendo este entendimento uma visão unívoca de ecologia. O papel de adaptar-se alinhar-se ao que impõe o ecossistema – induz a uma leitura extremamente limitada de *determinismo ecológico*.

Para Kroeber esta situação *adaptativa* da natureza subjugando o homem seria uma força *superorgânica* de sujeição ao ambiental.

Gilberto Freyre opta pelo *processo produtivo*, embora os casos apontados tentam recompor um conjunto de situações memorialistas em espaços semelhantes – a costa ocidental africana e a costa atlântica brasileira, por exemplo.

Carl Troll avança no conceito de *processo produtivo*, quando situa que a paisagem não é formada para o homem, senão por homens que têm estendido seus domínios às paisagens de que gostam e que, assim, as ocupam.

Para a ocupação, transformação – temas permanentemente discutidos em *Nordeste* e que seguindo uma linha histórica traz exemplos vivenciais e contemporâneos da área do massapê, revelam desenhos de um processo civilizatório tropical e em permanente ajustamento social – onde o homem na natureza funda uma união simbólica de ajustamento sobre uma compreensão ecológica.

Hoje, alerta-se, fala-se do que significa o *verde* – cor simbólica da vida natural – reunindo diferentes sistemas e processos de vida – homem e natureza. Ecologia passou a ser palavra de ordem, dimensão e consciência do homem contemporâneo.

*Nordeste*, já em 1937, suscitava questões, de harmonia social e cultural na região, analisando efeitos e projetando quadros de relações interpessoais, interétnicas e também transregionais.

A ordem ecológica em Gilberto Freyre é ainda campo aberto para outros estudos, que aprofundem os métodos e os 'pioneirismos' na sociologia, na antropologia e, principalmente, na leitura atual política que se faz sobre a ecologia – posição ideológica em face da desumanização ao desrespeito à terra, à água e ao próprio homem.

Gilberto, no *Guia Prático, histórico e sentimental da cidade do Recife* declara que: "o Recife cheira a fruta madura: manga, mangaba, caju, sapoti" (Freyre, 42: 149-50) e aponta novamente, com emoção e sensibilidade, condições indispensáveis para aqueles que têm a alma ecológica e discernimento científico para aplicar e realizar ações em favor da vida.

Germinalmente a ecologia e a cultura regional estão presentes em *Nordeste*, porém desta fonte outros trabalhos, em livros, pintura, desenho, poesia e palavra fizeram com que Gilberto Freyre fosse um dos mais felizes intérpretes do homem brasileiro.

A essência humanista de Gilberto Freyre abre-se ao ecólogo Gilberto Freyre, sociologicamente ecólogo quando assim funda a tropicologia e alerta que a interdisciplinaridade é o caminho para a análise e para a compreensão plural do brasileiro, enfim do homem situado no trópico.

Como atestação de tudo e da sensibilidade criadora e analítica de Gilberto Freyre, concluo com uma citação do prefácio de José Lins do Rêgo ao livro *Região e Tradição*, que, enquanto poeta, conseguiu traduzir a vertente ecológica de Gilberto, interpretando-o, inclusive, como um poeta. "Porque quem se dirige como ele (Gilberto Freyre), pelas marés da vida, quem põe como ele, acima das teorias e dos partidos, a vida, o homem, a pessoa, a terra, o céu, as águas, os bichos, as árvores, será mais do que um cientista, será o poeta que sobreviverá a tudo mais".

## BIBLIOGRAFIA

- ANTONIL, Andre João. *Cultura e Opulência do Brasil*. Lisboa: Oficina Real Deslandesiana, 1718.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro; Livraria José Olympio, 1967.
- . *Manifesto Regionalista*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.

- . *Guia Prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1942.
- . Vida social do Nordeste; aspectos de um século e transição. In: *Livro do Nordeste* 2ª ed. fac-similar. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979.
- . *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1941.
- KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1978.
- LIMA, Oliveira. *Pernambuco seu Desenvolvimento Histórico*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1975.
- LODY, Raul. *O Cabra*. A palavra e o tipo etnossocial. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1987.

